

## “CONSIDERAÇÃO” NOS EE: um modo de orar inspirador

**“A maior consolação que descobrira então era contemplar o céu e as estrelas. Fazia-o muitas vezes e por muito tempo, porque com isto sentia em si um muito grande esforço para servir a Nosso Senhor”**  
(S. Inácio – Aut. N. 11)

Padre Adroaldo Palaoro SJ

Os Exercícios Espirituais são uma “escola de oração”; nele encontramos diversos “modos de orar” (meditação, contemplação, repetição, aplicação dos sentidos, três modos de orar...).

A “**consideração**” é também um “modo de orar”, peculiar em S. Inácio; geralmente, este modo de orar não é apresentado nos retiros, porque não encontramos nos EE maiores informações sobre ela. No entanto, ela é decisiva para o percurso posterior dos mesmos EE, vivenciados pelo exercitante.

A “**consideração**” inspira e ilumina os outros modos de orar; por isso ela está presente no início de cada oração através da “oração preparatória”.

Encontramos a “**consideração**” em alguns momentos mais densos dos EE: Princípio e Fundamento, Três graus de Amor, Contemplação para alcançar Amor...

Para visualizar melhor o significado de cada um dos modos de orar dos EE, podemos usar a imagem de uma câmera fotográfica (ou filmadora) que, através de seu “zoom” bem aberto, é capaz de tomar distância e abarcar uma cena muito ampliada; ao mesmo tempo, à medida que o zoom vai se fechando, a câmera vai se afunilando e reduzindo o raio de percepção, até “focar” no detalhe da grande cena.

Podemos, então, dizer, que a “**consideração**” é este primeiro olhar amplo, abarcando um grande cenário.

Em seguida, através dos outros “modos de orar”, a atenção do exercitante vai se afunilando até deter-se em um ponto específico; este movimento de concentração se dá na **meditação/contemplação**, passa pela **repetição** e desemboca na **aplicação dos sentidos/oração de resumo**. Mas, o “pano de fundo” destes modos de orar é sempre a **consideração** (horizonte inspirador).

Este é o processo dos EE: movimento de vai do universal ao particular e do particular ao universal. Este movimento é que possibilita a experiência única de cada exercitante.

Estamos percebendo que na “**consideração**”, a oração torna-se mais **expansiva**, pois situa o exercitante em um horizonte instigante, fazendo-o sair dos seus lugares estreitos e rotineiros. Ao mesmo tempo, é uma oração **dilatadora**: alarga os sentidos, expande o coração, a mente, abre todo o ser da pessoa, ativando nela um sentir-se parte do grande cenário que está sendo “considerado”. Podemos afirmar que a **consideração** provoca um “sentimento oceânico” no exercitante; uma experiência que o ultrapassa, “vaza pelo ladrão”.

Na etimologia da palavra “**consideração**” encontramos a raiz “**sid**”, que faz referência ao espaço sideral, firmamento, universo... É um “estar-aí”, gratuitamente, diante da grandeza de Deus, da Criação, do ser humano, de si mesmo, do sentido da própria existência... despertando um êxtase, um assombro, uma, admiração... É um “fazer-se presente” por inteiro, deixar-se conduzir e sentir-se envolvido pela “**realidade**” que ultrapassa a pessoa, restando-lhe apenas expressar o louvor, o agradecimento, a quietude... Nesse sentido, a **consideração** tem um forte “impacto afetivo”, um “deixar-se afetar”. Tal ressonância interior é que vai despertar o “ânimo e a generosidade” para empreender o percurso dos EE.

Por isso, não há um “método” próprio para a **oração de consideração**, ou seja, os passos para a oração, o tempo que ela deve durar, a graça a ser pedida, etc. Ela está “para-além” do método.

O método ajuda a focar, a centrar-se num ponto específico, para aprofundá-lo, compreendê-lo, perceber as implicações concretas para a vida, etc...

Podemos dizer, então, que é a “**consideração**” que vai dar calor e sabor aos métodos de oração (meditação-contemplação-repetição-aplicação dos sentidos). Sem a experiência prévia da **consideração**, ou seja, sem o “impacto afetivo”, o método torna-se frio, racional, perdendo-se facilmente no detalhismo.

Aqui já vislumbramos um duplo risco na oração inaciana: por um lado, o orante pode permanecer sempre “extasiado” diante dos grandes cenários, sem descer ao concreto da vida; por outro, ele pode fixar-se no particular, sem abrir-se ao horizonte. É preciso viver uma profunda integração entre os dois movimentos presentes na oração: do horizonte ao particular e do particular ao horizonte.

Houve um jesuíta, que por ocasião da beatificação de S. Inácio, expressou, numa frase, toda a vida do Fundador da Companhia de Jesus: “*Não teve medo do máximo, mas coube no mínimo: isto é divino*”.

É a **“oração de consideração”** que desencadeia o dinamismo dos “magis”, presente no Princípio e Fundamento e que vai se expressar em diferentes momentos dos Exercícios: *“maior reverência”, “antes mais que menos”, “mais conveniente e muito melhor”, “segundo o maior ou menor proveito”, “é coisa mais digna de consideração”, “os que quererão mais afetar e assinalar”, “vosso maior serviço e louvor”, “para que mais o ame e o siga”, “para mais seguir e imitar o Senhor nosso”, “o que seja mais grato à sua divina bondade”, “a maior glória de Deus”...*

Recordemos também que, nos Evangelhos, Jesus sabe integrar estes dois movimentos: Ele reserva “momentos de montanha” (tanto na oração pessoal como na experiência da Transfiguração). Na montanha, Ele toma distância da realidade cotidiana de sua missão, para situá-la numa dimensão maior e plenificá-la de sentido.

Mas Jesus “desce” para a realidade do encontro com as pessoas, para o compromisso com os sofredores e excluídos... E, mesmo em meio à realidade concreta de sua vida brota uma oração de louvor, que podemos classificá-la como “oração de consideração”, quando Ele diz: *“Eu te louvo ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos”* (Mt 11,25); *“Naquela mesma hora, Jesus exultou no Espírito Santo e disse: Eu te louvo Pai, Senhor do céu e da terra...”* (Lc 1021).

O próprio S. Inácio, na sua autobiografia afirma que *“sempre crescera em devoção, isto é, em facilidade de encontrar a Deus e agora mais que em toda a sua vida. Sempre, a qualquer hora que queria encontrar a Deus, o encontrava. Ainda tinha muitas vezes visões, principalmente de ver Cristo como sol, etc. Isto lhe sucedia frequentemente, quando estava tratando assuntos importantes e aquilo que vinha em confirmação”* (Aut. 99)

Estes testemunhos indicam que a **oração de consideração** não se restringe só a um tempo de oração, mas se torna um “modo de orar contínuo”. Mesmo no ritmo cotidiano (encontros, trabalhos, descanso...), a **consideração** pode brotar espontaneamente, inspirando a vida de cada pessoa.

No processo dos EE, notamos que o ser humano pós-moderno é marcado por horizontes atrofiados, visões limitadas, sentimentos auto-centrados... As telas frias dos meios eletrônicos são os seus estreitos espaços cotidianos, carecendo de uma sensibilidade mais expansiva. Isso acaba travando o “sentir e saborear as coisas internamente”. Sem a amplitude e o calor dos grandes cenários, também a interioridade se atrofia, tornando-se fria e estéril.

Com as indicações anteriores, podemos captar o espírito e a força do **Princípio e Fundamento** como horizonte inspirador, como o “grande lugar” onde o exercitante vai transitar durante o percurso dos EE. Tal como o Prólogo de S. João, também no PF encontramos os “elementos” que serão retomados e aprofundados pelo exercitante durante a sua experiência.

Da mesma forma, outros **“grandes espaços”** serão apresentados ao longo do caminho dos EE - Reino, Encarnação, Duas Bandeiras... – recordando ao exercitante que sua oração o fará sempre “sair do seu próprio amor, querer e interesse”.

Também a consideração dos **“três graus de humildade”** (ou três graus de Amor), ativa no exercitante uma sensibilidade oblativa, ou seja, sentir-se envolvido por um Amor providente e cuidadoso; este horizonte do Amor desperta o desejo de corresponder com um “amor louco”, totalmente gratuito e descentrado.

Finalmente, na **Contemplação para alcançar Amor** (apoteose dos EE), podemos dizer que há uma fusão dos diferentes “modos de horar”. No primeiro ponto (EE 234) – “trazer à memória os bens recebidos” – faz referência ao “primeiro ponto” da meditação (“trazer à memória); o segundo ponto (EE 235) – “mirar como Deus habita nas criaturas” – nos recorda o primeiro e o terceiro pontos da contemplação; o terceiro ponto (EE 236) – “considerar como Deus trabalha e atua por mim” – é referência explícita à consideração; e, no quarto-ponto (EE 237) – “mirar como todos os bens e dons descem do alto” – também aponta para a contemplação.

Lembrando que, para S. Inácio, **“mirar”** (ou reparar, observar mais atentamente) é um olhar mais minucioso, mais em profundidade, que um simples olhar; é uma visão segunda, uma nova oportunidade concedida não apenas ao “objeto”, nem apenas ao modo de olhar, mas à própria visibilidade.